

SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO

“D.BENEDITA”: A VELEIDADE COMO POSSIBILIDADE DA CONDIÇÃO FEMININA

Tânia Winch Lisbôa¹

Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Raul Seixas

RESUMO

Este texto tem como objeto de estudo o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis. Aborda a constituição do sentimento de veleidade através das ações da personagem D. Benedita; em seguida acompanha a (re) construção do narrador e sua relação com o leitor. Os dois momentos do estudo procuram ter presente a condição feminina e a presença da ironia e do humor machadianos, seja na constituição dos perfis femininos, seja na condução do leitor por parte do narrador ou da forma como são apresentados os costumes socialmente instituídos. O conto revela, através de sua personagem central, uma mulher volúvel e insatisfeita. O contraponto à volubilidade, ou à veleidade da protagonista, é ocasionado por Eulália, filha de D. Benedita, que se mostra firme em seus propósitos e, por vezes, até ardilosa em suas ações. É a partir desses dois perfis femininos que o narrador estabelece condições para que o humor e a ironia se fortaleçam no decorrer da narrativa.

Palavras-chave: Conto machadiano. Condição feminina. Veleidade. Ironia. Humor.

INTRODUÇÃO

O Rio de Janeiro do século XIX é ambiente recorrente nas narrativas de Machado de Assis, talvez pelo fato de ser “a atmosfera em que nasceu e formou o espírito”.(MATOS, 1962, p. 12).

A obra machadiana é vasta, incluindo romance, conto, teatro, crônica, poesia e crítica literária. Este texto abordará um conto, gênero em cuja produção Machado de Assis foi extremamente fértil, já que, conforme Matos (1962): “De todos os escritores brasileiros, foi o que escreveu maior número de contos e sem dúvida os melhores.”(p. 21). Acrescenta ainda que não há em língua portuguesa “principalmente do ponto de vista da graça, da sutileza e do engenho, quem o possa suplantar.” (p. 15).

Através de fatos corriqueiros do cotidiano carioca da segunda metade do século XIX como festas de aniversário, visitas, jantares, namoros e acertos matrimoniais, o autor mostra “a alma inteira da urbe [...]. São os tipos, os costumes, as casas e as ruas, dados como em um cosmorama.”(MATOS, 1962, p. 16).

Grande parte dos contos de Machado de Assis apresenta mulheres como personagens centrais e em função disto a alma feminina torna-se um tema constante nas narrativas machadianas. Em relação a isto, Gai (1997), afirma que:

De um modo geral, as mulheres dos textos machadianos se definem pela ilogicidade, mistério, graça, beleza, puerilidade. Como os narradores são todos do sexo masculino, os retratos que nos apresentam possuem os contornos que eles lhe dão; elas surgem como que filtradas pela mente masculina. Cada narrador é um investigador da alma feminina, mas ele só pode mostrá-la conforme lhe parece ser. As mulheres só se revelam através do olhar do outro, por isso predomina o mistério e a ambigüidade. (p. 171)

Apesar de a questão feminina ser tema recorrente, em *Papéis avulsos*, publicado em 1882, terceiro livro de contos do autor, a alma feminina, suas angústias, volubilidade e pequenos dramas pessoais aparecem apenas em “D. Benedita”.

No conto intitulado “D. Benedita”, Machado de Assis constrói, através das relações sociais e familiares e das ações da personagem central, um perfil feminino caracterizado pela constante hesitação, pelo “quero muito, já não quero tanto”. Para alcançar seu objetivo o autor se vale da ironia e da discreta presença do humor. Poder-se-ia dizer que a ironia “se manifesta na forma do riso, não o riso aberto e franco, mas o leve sorriso, ou mesmo nem isso, apenas um

mexer de lábios [...]” (GAI, 2005, p. 75), tanto através das personagens quanto da presença ativa do narrador.

Percorrer passo a passo o caminho do narrador e de suas personagens na intenção de mostrar como se manifesta a veleidade, através da ironia e do humor na composição da personagem D. Benedita, é o propósito deste estudo.

VELEIDADE: UMA POSSIBILIDADE PARA A CONDIÇÃO FEMININA

No conto “D. Benedita” o tom irônico é definido pelo narrador desde o início: “A coisa mais árdua do mundo, depois do ofício de governar, seria dizer a idade exata de D. Benedita.” (ASSIS, 1962, p. 307). É também nas primeiras linhas que o narrador dá pistas da volubilidade da personagem, que viria a se confirmar no decorrer da narrativa: “A astúcia do corretor não fez mais do que indigná-la, embora, momentaneamente; digo momentaneamente” (p. 307). Talvez ao leitor desatento em um primeiro momento não chame atenção essa rápida mudança de humor da personagem, mas com o desenvolvimento do texto ela se torna visível, em virtude de tantas mudanças súbitas.

Esse capítulo inicial do conto está ambientado na festa de aniversário de D. Benedita, momento em que se percebe um apego exacerbado em relação à recente amizade com D. Maria dos Anjos. “D. Benedita [...] não se contenta de lhe ter presa a mão, fita-lhe uns olhos namorados, vivamente namorados’, e ainda no mesmo parágrafo acrescenta “que está encantada, que considera uma fortuna conhecê-la, que é muito simpática, muito digna, que traz o coração nos olhos, etc, etc,etc.” (p. 308).

O uso de tantos adjetivos seguidos de “etc, etc, etc” é sem dúvida um exagero na demonstração de afeto para com uma conhecida tão recente, caracterizando uma forma de humor. Nota-se entretanto que esse caráter humorístico se perde quando, no capítulo III, D.Benedita já não é tão afetuosa com a nova amiga:

Os modos de D.Benedita não eram os de costume; eram frios, secos, ou quase secos; ela porém explicou de si mesma a diferença, noticiando a ameaça da enxaqueca [...]. Não houve naquele dia mãos presas, olhos nos

olhos, manjares comidos entre carícias mútuas; não houve nada do jantar de domingo. (p. 317)

Quando o narrador faz referência ao “jantar de domingo”, deve-se ter em mente que este novo jantar, distante em termos de afeto, aconteceu na quinta-feira seguinte, ou seja, apenas quatro dias após o jantar de aniversário. Entretanto, remetendo-se ao capítulo II, percebe-se que o narrador prepara o leitor para essa possibilidade de amizade fugaz, temporária; “[...] a chinela era muito galante, e lhe fora dada por uma amiga do ano passado. Um anjo, um verdadeiro anjo!” (p. 311).

Nota-se nessa passagem o uso da indicação de tempo “do ano passado” e não “no ano passado”; aliado a isso D.Benedita também se refere à amiga “do ano passado” como sendo “Um anjo, um verdadeiro anjo!”, mesma referência feita à nova amiga. Essas pistas deixadas pelo narrador ajudam a compor a inconstância da personagem, a sua volubilidade.

A personagem não se mostra volúvel apenas em relação às amizades, esse inconstância ocorre também em relação ao marido, o Desembargador Proença, a quem ela não vê há mais de dois anos, desde que este fora nomeado para atuar no Pará e “ela ficou para arranjar alguns negócios da família, mas foi ficando, ficando, e agora ...” (p. 309).

Em função da distância entre ela e o marido, resta-lhe escrever cartas. Como chovia na manhã seguinte ao seu aniversário, considerou como sendo um dia perfeito para escrever uma longa carta ao marido ausente contando-lhe tudo sobre o jantar de aniversário, sobre sua amizade com D. Maria dos Anjos e sobre a possibilidade de casamento entre Eulália e Leandrino. Escreveria “uma carta, duas cartas, todas as cartas de uma esposa ao marido ausente.” (p. 310). O fato é que a longa carta não foi escrita: “Resumiu tudo [...]. Acabou e fechou a carta. [...] deixou-se cair no sofá, cansada, exausta” (p. 314), e ironicamente o narrador conclui: “[...] era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas!” (p. 314).

É interessante destacar que D.Benedita tem vontade de realizar diversos intentos, mas essa vontade esmorece, enfraquece ou chega ao completo esquecimento, embora inicialmente seja uma vontade, um capricho avassalador.

Ainda em relação à distância do marido, no decorrer do conto o leitor depara-se com viagens abortadas pelo sempre hesitante desejo da personagem. Quando D.Benedita soube que o

Desembargador “estava lá de amores com uma viúva” (p. 309), desesperou-se e decidiu ir ao encontro do marido, mas mudou de idéia e “desfez a mala daí a três dias” (p. 310).

Em outra ocasião, novamente, a vontade repentina de visitar o marido reapareceu:

[...] cogitou seriamente em ir ter com o marido; [...] o sangue pulou-lhe num tal ímpeto de ir ver o desembargador que, se o pacote do Norte estivesse na esquina da rua e as malas prontas, ela embarcaria logo e logo. [...] comunicou a resolução à filha, que a recebeu sem abalo. (p. 318)

É possível perceber nesse episódio mais um capricho da personagem, uma vontade súbita que conduz o leitor ao riso, através das marcas deixadas pelo narrador que pressupõe algumas condições para que a viagem aconteça “logo e logo”, como “pacote na esquina” e “malas prontas”, o que obviamente seria impossível. Além disso, o narrador faz uso de uma “pitada” de ironia em “cogitou seriamente”, o que, tanto para Eulália (a filha) quanto para o leitor não causa “abalo”, conhecedores que são dos caprichos de D. Benedita, sabem que por um ou outro motivo a viagem acabaria esquecida, como de fato ocorreu.

O tema das viagens intencionadas, mas não realizadas voltaria à baila mais duas vezes nesse conto. Após a morte do desembargador, D. Benedita pensou em “ir ao Pará, erigir um túmulo ao marido, e beijar a terra em que ele repousava” (p. 321). Pensou em ir mas não foi. Viúva há mais de um ano, a filha casada, a companhia do filho não lhe bastando, foi que “A idéia de viajar tornou a rutilar-lhe na mente, mas como um fósforo que se apaga logo” (p. 322). Esta imagem construída pelo narrador é significativa, se associada à questão da veleidade, pois tão efêmera quanto a chama do fósforo, a vontade de viajar apagou-se no âmago daquele instante.

Após a viuvez, D. Benedita passou a ser cortejada. O primeiro pretendente, foi um comerciante viúvo, com quem ela considerou a idéia de casar-se, porque o “casamento seria uma consolação, uma companhia.[...] Não casou” (p. 322).

Além das mudanças repentinas no que diz respeito a seus desejos, D. Benedita era também facilmente influenciável pela opinião daqueles que a cercavam, já que “A sociedade incutiu-lhe outra vez a idéia do casamento, e apontou-lhe logo um pretendente, desta vez um advogado, também viúvo” (p. 322). Mais uma vez, a hesitação apoderou-se de D. Benedita: “- Casarei? não casarei?” (p. 322).

O narrador deixa transparecer, em “a sociedade incutiu-lhe”, a ironia decorrente da falta de vontade própria da personagem, bem como a importância dada ao casamento, já que este era uma forma de aceitação social da mulher no século XIX.

Em contrapartida à inconstância dos desejos de D. Benedita, aparece a figura decidida e ardilosa de Eulália, a filha. O narrador deixa claro essa disparidade comportamental das duas já nos primeiros parágrafos do conto, ao definir as feições da mãe como sendo “maduramente graves e juvenilmente graciosas” (p.308), enquanto “Eulália, contando dezoito anos, parece ter vinte e um, tal é a severidade dos modos e das feições.” (p.308). Esta contradição entre as feições das duas mulheres parece proposital, já que acabou por determinar a ironia e o humor que percorrem o conto.

O posicionamento de Eulália frente às questões pessoais é completamente oposto ao comportamento de D.Benedita. Ao que tudo indica, Eulália conhece bem as decisões impulsivas da mãe e aposta nisso para concretizar seus planos no futuro.

Contrariando todas as expectativas da época, Eulália impõe sua vontade, ao afirmar resolutamente que não se casaria com Leandrinho, pretendente que lhe fora indicado pelo Cônego Roxo e imediatamente aceito por D.Benedita.

No que diz respeito ao casamento no século XIX, Stein (1984) afirma que:

O casamento representava, no quadro da época, a aspiração modelar da maioria das moças.[...] geralmente os casamentos dos filhos eram acertados pelos pais e só raramente aqueles tinham influência na escolha do futuro cônjuge. (p. 31)

Eulália não foge à regra: quer se casar, embora diga que não. Quer se casar com o jovem que ela escolheu e não com o Leandrinho, escolha do cônego e, momentaneamente, de sua mãe. Para que seus planos se concretizem ela age de forma contrária a que se espera. Quando D. Benedita combina uma visita à casa de D. Maria dos Anjos, mãe de Leandrinho, Eulália concorda e passa a insistir na visita, dizendo o quanto é importante essa visita, quando a mãe já está por desistir. Mesmo Eulália insistindo na visita, o narrador deixa transparecer a ironia, pois a frase “Isto acaba.” (p. 318), pensada e/ou pronunciada pela personagem está presente em diversos momentos, confirmando que tudo que faz, ainda que pareça contraditório, é muito bem articulado para a concretização de seus planos.

Apesar da decisão caprichosa da mãe em casá-la como conzinha à época e sabendo que a cada novidade a mãe esquecia a novidade anterior, Eulália inventou “uma festa e uma amizade nova. A nova amizade era uma família do Andaraí; a festa não se sabe a que propósito foi” (p. 320). Nota-se nesse ponto certa ironia por parte do narrador, pois é do conhecimento do leitor que o verdadeiro propósito de Eulália é aproximar a mãe da família do 1º tenente Mascarenhas com quem pretendia se casar. Como sempre D. Benedita encantou-se com os novos amigos e, antes que o encantamento acabasse como era previsível, o tenente Mascarenhas “pediu-lhe a filha em casamento” (p. 320).

O que se percebe nesse episódio, além do humor sutil ocasionado pela rapidez do pedido de casamento, é a manipulação da personalidade impulsiva da mãe para consolidar os planos da filha. D. Benedita nada percebe, acreditando que o pedido de casamento fora realizado porque Mascarenhas, o futuro genro, “parecia adorá-la, a ela, D. Benedita” (p.320). É esse pensamento presunçoso, aliado à ironia da situação que deflagra o riso, porque, conforme Comte-Sponville (2000), “O humor é uma desilusão alegre” (p. 240).

Encontra-se com certa facilidade situações marcadas pela ironia, seja por uma ironia requintada ou simplesmente pela ironia entendida como figura de linguagem, conceito aplicável à seguinte passagem do conto: “Um dos pontos mais obscuros desta curiosa história é a pressa com que as relações se travaram, e os acontecimentos se sucederam” (p. 320). Os acontecimentos referidos pelo narrador remetem à agilidade com que o casamento de Eulália se processou, entretanto isso não é um “ponto obscuro”, porque o leitor é conhecedor das mudanças súbitas de comportamento de D. Benedita, ou seja, casaram-se antes que a mãe mudasse repentinamente de idéia e isso já acaba com qualquer possibilidade de obscuridade, caracterizando dessa forma a presença da ironia nessa passagem do conto.

Mascarenhas, o genro, passa a ser visto por D. Benedita como alguém teimoso. No entanto qualquer um que tenha determinação seria considerado teimoso, já que ela mudava tão rapidamente os planos, acabando por não realizar nenhum.

Nem sequer o amor pelo neto recém-nascido foi duradouro, pois o menino “foi a paixão da avó durante os primeiros meses” (p. 322), fazendo com que, até nesse caso, a veleidade fosse mais vigorosa do que o amor.

A veleidade da personagem aparece também em relação ao apego apaixonado, quase febril, por objetos, roupas, livros... para logo em seguida abandoná-los:

Eram três romances que D Benedita lia ao mesmo tempo. Um deles, note-se, custou-lhe não pouco trabalho.[...] correndo nada menos de três livrarias. Voltou ansiosa, namorada do livro, tão namorada que abriu as folhas, jantando, e leu os cinco primeiros capítulos naquela mesma noite.[...] Agora, porém, passados oito dias, querendo ler alguma coisa, aconteceu-lhe justamente achá-lo à mão. (p. 315)

Caso algum leitor desatento ainda não tenha percebido o processo de construção do sentimento de veleidade a partir das atitudes da personagem central, o narrador explicita esta questão nos dois últimos parágrafos do conto:

A figura veio até ao peitoril da janela de D. Benedita; e de um gesto sonolento, com uma voz de criança, disse-lhe estas palavras sem sentido: - Casa... não casarás...se casas... casarás... não casarás... e casas... casando... D.Benedita ficou aterrada, sem poder mexer-se; mas ainda teve a força de perguntar à figura quem era.[...] depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D.Benedita: Meu nome é Veleidade, concluiu; e, como um suspiro, dispersou-se na noite e no silêncio. (p. 322-3)

Além de dissipar as dúvidas quanto à existência desse sentimento de veleidade no íntimo da personagem, é também nessa passagem final do conto (citada anteriormente) que o narrador determina, com a expressão “a fada que presidira o nascimento de D. Benedita”, a impossibilidade de alterar o seu comportamento hesitante, já que a dúvida e a hesitação acompanham a personagem desde o nascimento, como uma espécie de predestinação, dando assim a dimensão da fragilidade da condição humana quando o destino é visto como algo imutável.

A INQUIETUDE DO NARRADOR MACHADIANO

Em “D.Benedita”, o narrador estabelece a opção consciente pelo perfil feminino, além de convidar o leitor a seguir a mesma opção quando diz:

Deixemos o filho, que nos não importa, um pirralho de doze anos, que parece ter oito, tão mofino é ele. Eulália interessa-nos, não só pelo que vimos de relance no capítulo passado. (p. 312)

Além de estabelecer uma opção pelas personagens femininas, o que pode ser comprovado até pelo título do conto, o narrador se dirige, em uma passagem, diretamente à leitora:

Enquanto ela compõe os babadinhos e rendas do roupão branco de cambraia [...] convido a leitora a observar-lhe as feições. Vê que não lhe dou Vênus; também não lhe dou Medusa.” (p. 310)

O narrador insinua que a leitora feminina seria a única a se interessar sobre tais futilidades como rendas, babadinhos, tipos de tecidos... o que aos olhos do leitor masculino passaria despercebido, já que provavelmente “leitores homens e leitoras mulheres comportam-se de modos diferentes”(LAJOLO & ZILBERMAN, 2003, p. 28).

Em outra passagem o narrador parece convidar o leitor a “sair de texto”, distanciar-se juntamente com ele:

Deixemo-las almoçar à vontade; descansemos nessa outra sala, a de visitas, sem aliás inventariar os móveis dela, como não o fizemos em nenhuma outra sala ou quarto. (p. 312).

Aliada ao distanciamento, existe aqui uma “pitada” de ironia em relação aos textos dos autores românticos que davam especial atenção à descrição de ambientes.

Temendo que o leitor não seja capaz de acompanhar o desenrolar da narrativa o narrador machadiano remete a passagens anteriores ou posteriores, a capítulos passados:

[...] certas negociações matrimoniais incumbidas ao Cônego Roxo e das quais se falará mais abaixo [...] (p. 308)
Era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas! Esta palavra, fecho do capítulo anterior [...] (p. 315)
[...] além de trincar o peru nos dias solenes como vimos, exercia o papel de conselheiro [...] (p. 315)

Esse processo de tutela se espalha pelo conto transformando o narrador machadiano em um narrador um tanto autoritário, através do uso da segunda pessoa do discurso, em caráter imperativo: “Vede, porém, a perfídia [...]” (p. 320), ou em “Ela esperou, note-se até a última hora

[...]” (p. 321). Esse autoritarismo também fica marcado pela presença, em determinados momentos, de um narrador em primeira pessoa do singular, que se assume como narrador, com autoridade no texto como em “[...] podia dizer sem desejos, mas eu só digo o que quero, e só quero falar das saudades e dos remorsos” (p. 310-11) ou “[...] e não digo que a enchesse de grande satisfação, porque não foi assim” (p. 323).

Além disso, o narrador do conto “D.Benedita” também transita pelo texto narrando em terceira pessoa do singular quando procura apenas relatar os acontecimentos, como pode ser verificado em inúmeras passagens do conto. Em outras situações narra em primeira pessoa do plural, igualando-se dessa forma ao leitor, além de abordá-lo diretamente em diversas ocasiões: “venhamos”; “deixemo-las”; “deixemos”; “descansemos”; “como vimos”.

O processo narrativo em “D. Benedita” é tão bem elaborado que possibilita que o próprio narrador ironize a atividade daqueles que, assim como ele, são contadores de histórias, deflagrando assim, o humor, como pode ser verificado em:

Convenho que nem todas essas particularidades podiam estar nos olhos de Eulália, mas por isso mesmo é que as histórias são contadas por alguém, que se incumba de preencher as lacunas e divulgar o escondido. (p. 312)

São as múltiplas facetas de um mesmo narrador que dão o tom de oralidade ao conto “D.Benedita”, sem perder de vista a investigação da alma humana e “brincando” com a ironia seja em relação às personagens ou ao leitor. Segundo Matos (1962), Machado de Assis:

Conduzido pelo dom, pela vocação de contador de histórias, sabe encarar a vida diretamente e dar à narrativa a feição da oralidade, de modo a transmitir ao leitor a sensação de que não está lendo, mas ouvindo contar.[...] Afí está a especialidade. Machado, no conto não descreve, mostra, fala. (p. 12)

É a articulação perfeita entre narrador e texto que permite essa “metamorfose” constante do narrador machadiano; ele é inquieto e em função disso desacomoda o leitor. Ao desacomodar o leitor ele permite que se estabeleça uma tríplice cumplicidade: texto, narrador e leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra machadiana não se limita ao que está literalmente posto, mas ao contrário, o humor e a ironia estão além da aparência primeira, ou seja, só se percebe tanto a ironia quanto o humor, quando junto com o narrador descortinamos os mistérios da alma de cada personagem, seja pelos sentimentos explicitados, pelas ações, falas e até pelo silenciar do narrador frente a determinadas situações ou pela forma com que ele, narrador, conduz o leitor.

O conto “D.Benedita” é a expressão de diversas vozes, como das personagens D.Benedita, Eulália e do narrador. É a partir da observação destas vozes que o sentimento de veleidade, habitante da alma da personagem que dá nome ao conto, é reconhecido. Embora a veleidade seja fundamental para a condução da narrativa, o narrador não a define como sendo um sentimento característico da condição feminina.

Para que o conto não tenha caráter afirmativo, diferentes possibilidades de leitura são viáveis, embora isso não signifique liberar totalmente o leitor, já que em muitas situações, como foi visto, o narrador o conduz no emaranhado de caminhos e pistas deixados ao longo do texto para tutelar aqueles que se aventuram na riqueza do conto machadiano.

“D. BENEDITA”: THE VELLEITY A POSSIBILITY OF THE FEMININE CONDITION

ABSTRACT

This paper aims at studying Machado de Assis’ story “D. Benedita”. It addresses the constitution of a velleity sentiment through the actions of the character D. Benedita; which is followed by the narrator’s (re) construction and his or her relation with the reader. Both moments in this study attempt to keep present the feminine condition and the presence of irony and the “machadianos” humor, either through the constitution of feminine profiles, or by the narrator conducting the reader or by the way the social customs are instituted. The story reveals, through a central character, an unsatisfied and voluble woman. The counterpart of volubility, or the velleity of the protagonist, is taken by Eulália, D. Benedita’s daughter, who demonstrates herself as

having strong purposes and, sometimes, even arduous in her actions. The narrator establishes conditions for the irony and humor to strengthen each other throughout the narrative from these two feminine profiles.

Keywords: Machadian story. Feminine condition. Velleity. Irony. Humor.

NOTA

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

REFERÊNCIAS

COMPTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GAI, Eunice T. Piazza. *Sob o signo da incerteza*. Santa Maria: EDUFISM, 1997.

_____. *Ironia, humor e conhecimento: a atualidade em Machado de Assis*. In: BORDINI, M.G.; REMÉDIOS, M.L.R.; ZILBERMANN, R. (Org.). *Crítica do tempo presente: estudo, difusão e ensino das literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre: AIL/IEL, 2005.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa em três volumes: v. II*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

MATOS, Mário. Machado de Assis, contador de histórias. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa em três volumes: v.II*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.